



Câmara Municipal de Cambará
- Estado do Paraná -

PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO
Nº 04/2009

AS COMISSÕES

Em 09/11/2009
PRESIDENTE

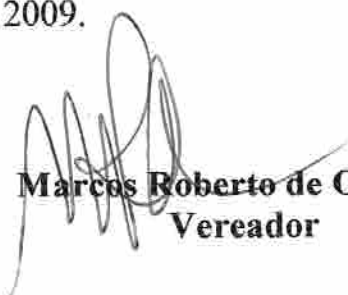
“Outorga Título de Cidadão Honorário de Cambará, Estado do Paraná, ao Senhor **ÁLVARO MARTINHO MISCHIATTI** e dá outras providências”.

Art. 1º - Fica outorgado ao Senhor **ÁLVARO MARTINHO MISCHIATTI**, o Título de Cidadão Honorário de Cambará, Estado do Paraná.

Art. 2º - A respectiva honraria será entregue ao homenageado em Sessão Solene, a ser convocada pela Presidência, em data oportuna, especialmente para esta finalidade.

Art. 3º - Este Decreto Legislativo entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Câmara Municipal de Cambará, Estado do Paraná, em 09 de novembro de 2009.


Marcos Roberto de Oliveira
Vereador

A O. Dia n/ Sessão

Em 14/12/2009

PRESIDENTE



Av. Brasil, 1.204 - Centro
Cambará - Paraná CEP 86.390-000
Telefone (43) 532-1756
E-mail: camara@cainet.com.br





Câmara Municipal de Cambará
- Estado do Paraná -

COMISSÃO DE LEGISLAÇÃO, JUSTIÇA E REDAÇÃO

PROPOSIÇÃO: PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO Nº04/2009

MATÉRIA: OUTORGA TÍTULO DE CIDADÃO HONORÁRIO DE CAMBARÁ, AO SENHOR ALVARO MARTINHO MISCHIATTI E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS

AUTOR: VEREADOR MARCOS ROBERTO DE OLIVEIRA

RELATOR: ROGÉRIO FRUTUOSO

PARECER

Por força de dispositivos regimentais, é submetido à apreciação desta Comissão, o presente Projeto de Decreto Legislativo, que outorga Título de Cidadão Honorário de nossa cidade, ao Senhor Álvaro Martinho Mischiatti.

Inicialmente devemos parabenizar o autor da proposição, pela feliz iniciativa.

Tendo sido indicado pelo Presidente da Comissão, para relatar a matéria, vislumbro que estão presentes todos os requisitos necessários, para que o referido cidadão, obtenha desta egrégia Casa de Leis, a presente honraria.

Discorrer sobre as inúmeras qualidades do Senhor Álvaro Martinho Mischiatti, acreditamos ser desnecessária, tendo em vista que é do conhecimento de todos nós que o homenageado, vem há mais de 50 anos, atuando de forma exemplar em todos os segmentos do Município.

Assim, pelo extenso "currículo" e pelo que representa o Senhor Álvaro Martinho Mischiatti, para o nosso município, somos plenamente favoráveis ao Projeto em questão.

Sala das Comissões, em 14 de dezembro de 2009.

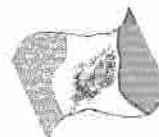

Pastor Claudemir
Presidente


Rogério Frutuoso
Relator


Renato Rodrigues Ferreira
Membro



Av. Brasil, 1.204 - Centro
Cambará - Paraná CEP 86.390-000
Telefone (43) 532-1756
E mail. camara@cainet.com.br





Câmara Municipal de Cambará

- Estado do Paraná -

JUSTIFICATIVA

Tendo em vista a extensa biografia do homenageado, apresentada pelo autor da proposição, fica a mesma fazendo parte integrante do Projeto.

Sem sombra de dúvidas, as qualidades do homenageado, foram bem marcantes em sua trajetória de vida, tendo contribuído em vários segmentos de nossa cidade, razão pela qual, entendemos justa a presente homenagem e peço o apoio aos nobres pares, para a aprovação do presente Projeto.

Câmara Municipal de Cambará, Estado do Paraná, em 09 de novembro de 2009.


Marcos Roberto de Oliveira
Vereador



Av. Brasil, 1.204 – Centro
Cambará – Paraná CEP 86.390-000
Telefone (43) 532-1756
E-mail: camara@cainet.com.br



Biografia – Álvaro Mischiatti

Álvaro Martinho Mischiatti, nasceu em Cravinhos, região de Ribeirão Preto, interior do Estado de São Paulo em 13 de novembro de 1918. Foi o penúltimo dos doze filhos do casal Giovanni e Conchietta Donegá Mischiatti, onde ele trabalhava como administrador de fazenda, enquanto ela cuidava da casa e da família. Seus pais, imigrantes vindos da Província de Rovigo, Região do Vêneto, nordeste da Itália, desembarcaram de um vapor no Porto de Santos – Brasil no dia 23 de dezembro de 1888 depois de um mês e um dia de viagem.

O Sr. Giovanni mudou-se com sua esposa e a prole para Cambará em 1928 quando seu filho Álvaro tinha apenas dez anos, e a cidade não passava de um pequeno povoado às margens do Rio Alambari. Aqui exerceu a profissão de contador (guarda-livros, na época). Matriculou seu filho Álvaro no ensino primário do Grupo Escolar Dr Generoso Marques que lá estudou até os quatorze anos, quando começou a aprender o ofício de alfaiate.

Nesta época, ajudou o Padre João Belchior a formar a Congregação Mariana em Cambará onde permaneceu por oito anos. Contudo, com as circunstâncias da Segunda Guerra Mundial que envolveu o Brasil, foi convocado para o Exército em 1942 com 24 anos, servindo na cidade Ponta Grossa, Estado do Paraná até 1944.

Lá foi compelido durante quatorze meses a fazer o Curso de Topógrafo, que serviu como justificativa para ser dispensado de seguir para Dacar na África, destino dado pelo Comando Norte-Americano aliado do Brasil, permanecendo aqui para instruir os praças que iam sendo convocados para a Grande Guerra.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial deu baixa no Exército Brasileiro, retornando a Cambará para casar-se com sua linda noiva Helena Romanini abrindo, dois meses depois, sua própria alfaiataria e o Bazar São Martinho na atual Rua Major Barbosa, onde trabalhou juntamente com sua esposa e filhos até a sua aposentadoria.

Nasceram desta união, os filhos Osmar, professor de Educação Física em Cambará, João Alfredo, Álvaro Roberto e Moacir ambos cirurgiões-dentistas, em Campo Mourão no Paraná e, Canoinhas em Santa Catarina, respectivamente. Compõem também a família de Álvaro e Helena Mischiatti, oito netos e três bisnetas.

Com a família constituída, Álvaro trabalhou muito não só no seu comércio, como também para a comunidade cambaraense. Foi vicentino durante 34 anos e um dos construtores na condição de Secretário, desde o alicerce da sede, até a Capela do Asilo São Vicente de Paulo de Cambará, que teve como um dos fundadores o seu pai João Mischiatti como era conhecido em Cambará, que hoje empresta seu nome traduzido para o português, a uma importante via de acesso de um dos bairros mais populosos da cidade: o Conjunto Habitacional Ignez Panichi Hamze.

Foi eleito vereador em Cambará por quatro mandatos consecutivos: de 1962 a 1967 trabalhou com o Prefeito Dr Milton Paschoalino, de 1968 a 1971 atuou com o Prefeito Benedito Moreira, de 1972 a 1975 compôs com o Prefeito Mário Conselvan e 1976 a 1981 auxiliou o Prefeito Sebastião Pereira da Silva.

Na vida pública Álvaro Mischiatti trabalhou para a construção da Casa da Criança anexa ao Ginásio Nossa Senhora das Graças. No campo da saúde pública encaminhou pessoas para atendimento e tratamento fora do nosso domicílio, enviando-as à Curitiba, Londrina, Ourinhos e principalmente para a cidade paulista de Botucatu onde um sobrinho médico o auxiliava conseguindo leitos hospitalares.

Na época, um de seus projetos como legislador foi o de prestar uma justa e póstuma homenagem ao saudoso professor Sílvio Tavares que dirigiu o Colégio Estadual de Cambará durante dezessete anos concedendo-lhe o nome. Criou isenção de impostos municipais de três a cinco anos para pequenas moradias. Apresentou diversos projetos à Câmara de Vereadores de Cambará como a urbanização da Praça Kennedy atual Praça Atílio Bettini na Vila Rubim, a pavimentação da Avenida Tsuneto Matsubara de acesso ao Estádio Regional de Cambará, a construção do prolongamento da Rua Santo Antônio, administrou a revitalização do Poço Artesiano próximo a Estação de Tratamento de Água da Sanepar, e ajudou ainda na viabilização de outras obras de importância fundamental para o nosso Município. Em 1982 resolveu abandonar a carreira política para dedicar-se integralmente ao seu lar, ao seu trabalho, à sua querida esposa Helena e ao seu estimado filho João Alfredo.

Amante do futebol é torcedor da Sociedade Esportiva Palmeiras de São Paulo, e quando jovem, atuou como centroavante das equipes do Esporte Congregação Mariana e o Esporte Clube Operário ambos de Cambará e do Olinda de Ponta Grossa. Outra de suas grandes paixões é a pescaria, onde acampou com amigos à beira dos Rios Coxim e

Paraguai no Estado do Mato Grosso do Sul, e sempre que pode até hoje, aos 91 anos de idade, pesca no Paranapanema e pequenos rios e represas do nosso Município.

Em novembro de 2008, ao completar noventa anos de vida, concedeu a seguinte entrevista ao Jornal CirculandoAqui.com de Cambará:

Uma história de amor em meio à Segunda Guerra Mundial

“O que você faria se estivesse apaixonado e prestes a se casar com a pessoa amada e fosse chamado pelas Forças Armadas de seu País a ir para guerra num combate do outro lado do Atlântico”? Pior, lutar por uma causa sem sentido, por uma guerra que não era sua?

Como você reagiria se alguém dissesse para sua amada que era melhor ela procurar outro namorado, pois as chances de você voltar vivo eram bem remotas? Difícil responder, não? Pois é, nosso entrevistado desta edição, de tão camarada e boa praça, nem parece que passou por tudo isso. Sua simplicidade não permite vangloriar-se por ter vivido as incertezas dessa época. Ele só queria viver a vida como ela é: simples e com objetivos cristãos.

Sua história de vida começa antes desses embaraços. Nascido em 13 de novembro de 1918, na cidade de Cravinhos, no interior do Estado de São Paulo, veio para Cambará quando a cidade não passava de um povoado às margens do Rio Alambari. Ao chegar por estas bandas, trazido pelos pais, antes, de completar 10 anos de vida, viu um lugar ainda em fase de desenvolvimento, com instalações precárias e, sobretudo, viu um lugar de terra roxa e fértil. Não sabia ao certo que se apaixonaria tanto por este pedaço de chão ao ponto de adotá-lo como sua terra. Foi aqui que cresceu, e viu a cidade crescer. Foi aqui que se apaixonou e recebeu o mesmo carinho. Cambará foi palco de sua vida onde foram escritos os melhores capítulos de sua existência. A Rua Major Barbosa nem era chamada assim quando ele se estabeleceu na vizinhança e se tornou querido por todos. Da profissão de alfaiate ao impasse de ir ou não para a guerra foram dias memoráveis, mas nada comparado ao chegar aos 90 anos esbanjando saúde e lucidez, ao ponto de ainda acreditar em sonhos e tê-los para sonhar.

"Na coluna de hoje, com muita alegria, entrevistamos Álvaro Martinho Mischiatti, um homem que faz da vida um espetáculo único e insubstituível."

Circulando: "Seo" Álvaro, o senhor acaba de completar 90 anos, o que isso representa para o senhor?

Álvaro Martinho Mischiatti: *Não sei explicar, eu calculava na minha vida que não chegaria a esta idade, mas, graças ao bom Deus, estou recebendo esta graça.*

Circulando: O senhor chegou a Cambará ainda criança, dá para lembrar como era a cidade nessa época?

Álvaro: *Meu pai veio para Cambará em 1927, era tudo mato, só tinha um pedacinho da Rua Alambari com, mais ou menos, umas 30 casas. Nós chegamos em dezembro de 1928, e eu tinha uns 9 para 10 anos. O cenário era exatamente como meu pai nos relatava. Só para você ter uma idéia, eu vi o alicerce da igreja matriz que, neste mês, completa 80 anos.*

Circulando: Como foi sua infância?

Álvaro: *Maravilhosa. Foi uma fase indescritível. Lembro-me que os novos moradores foram chegando e com isso chegavam muitos meninos de minha idade. Então, não demorou em formarmos um time de futebol. Eu era danado na bola. O time era famoso, chamava-se Esporte Congregação Mariana. Foi uma infância muito boa.*

Circulando: Soube que o senhor era craque no futebol. Na juventude foi assim também?

Álvaro: *Não sei se era eu quem jogava bem, ou meus adversários que jogavam ma. (risos).*

Circulando: O senhor foi alfaiate. Conte-nos como foi essa época?

Álvaro: *Foi uma época muito boa. Havia muito serviço e minha alfaiataria tinha vários funcionários para me ajudar. Eu fazia de tudo, ternos, calças, até batinas eu sabia fazer.*

Circulando: Havia muitos pedidos para batinas?

Álvaro: *(Risos). Na verdade não havia pedidos para produzir batinas, mas se houvesse eu sabia fazer (mais risos).*

Circulando: O senhor viveu o período da Segunda Guerra Mundial. Como eram os sentimentos dos jovens na época em relação ao assunto?

Álvaro: *A Segunda Guerra Mundial foi um dos períodos mais marcantes na minha vida. À medida que o conflito na Europa se estendia, aumentava a agonia das mães de jovens que iam prestar serviço militar. No meu caso, foi ainda mais dramático. Fui convocado em 1942. Eu tinha 24 anos na época e um grande sonho pela frente. Tinha acabado de pedir a mão da Helena (Romanini) em casamento para os pais dela e o compromisso de realizar a cerimônia em um ano. A alfaiataria estava fazendo grande sucesso e, de uma hora para outra, vi meus sonhos se desfazerem. Então, era uma grande tristeza. Minha mãe ficou muito abalada com tudo isso e ficou acamada até morrer. Ela devia ter uns 70 anos quando fui convocado e sete anos mais tarde ela morreu. Eu era o caçula dos homens de doze irmãos.*

Circulando: Como o senhor reagiu ao ser convocado?

Álvaro: *Fiquei muito revoltado, porque eu não queria ir para a guerra, ainda mais lutar em uma guerra que não era minha. Além do mais, eu tinha planos para o futuro. Eu estava estabelecido, e tinha uma alfaiataria com bastante serviço e bastante estoque. Tinha feito uma compra grande de materiais. Lembro-me do momento em que fechei a porta da alfaiataria e devolvi as chaves para o dono do prédio. Guardei parte do estoque que já havia sido pago na casa do meu pai, e tive que devolver para as firmas os materiais que não paguei, com uma carta dizendo que eu não podia honrar os compromissos por que estava indo para guerra.*

Circulando: O senhor, em algum momento, sentiu medo?

Álvaro: *Medo? Não. Medo eu não tinha. Não queria era ver minha mãe sofrer como sofreu. Lembro-me que eu estava jogando futebol quando recebi a carta com o ofício. Quando cheguei em casa, minha mãe estava em prantos. E ver a mãe da gente nesse estado, é lastimável.*

Circulando: O que passou na sua cabeça, naquele momento?

Álvaro: *Nem sei. Eu sei que saí de casa, fui à casa de minha noiva, contei para ela, e aí começamos a chorar. Foi uma emoção muito grande.*

Circulando: E o momento da despedida, como foi?

Álvaro: *Nossa Senhora! Foi muito triste, eu tava com casamento marcado, tinha pedido Helena em casamento para os pais dela com o compromisso de casar em um ano e, com uns dois ou três meses de noivado eu fui convocado. É muito emocionante relembrar tudo isso (emociona-se). Àqueles momentos na estação ferroviária, antes da chegada do trem, foram os mais dramáticos para mim. Estava deixando minha terra, pela primeira vez, e deixando para trás família e o grande amor da minha vida. O pior, é que não estava certo de que iria voltar.*

Circulando: **Então, naquele momento, o senhor pensou que aquele seria o último encontro?**

Álvaro: *Pensei (uma longa pausa). Eu estava certo que aquele aceno de Helena com o lenço branco nas mãos seria o último que eu veria. Seu rosto lindo com lágrimas nos olhos... (pausa, novamente). Foi uma cena que nunca pensei em viver. Pior foi saber que algumas pessoas aconselhavam Helena a desistir de nossa relação e procurar outro namorado, pois eu estava indo para a Itália e iria morrer na guerra. Mas ela não largou e vivemos quase 60 anos juntos. Esses 60 anos foram os melhores que já vivi (sorri com os olhos em lágrimas).*

Circulando: **Como foram os preparativos da tropa para a viagem à Europa. E, por que o senhor não embarcou?**

Álvaro: *Nossa base foi em Ponta Grossa. Desde que cheguei ao quartel, centenas de jovens chegavam a cada dia. E as instruções tinham que ser rápidas, uma vez que tínhamos que estar preparados em poucos dias para o embarque. Era lamentável ver jovens mal preparados embarcando para uma viagem sem volta. Digo mais: o Brasil não tinha estrutura de guerra. Não tínhamos armas, não estávamos preparados. Nossas armas vinham dos Estados Unidos e tínhamos que aprender a manuseá-las, em poucos dias.*

O que me salvou do embarque foi o fato de eu ter sido escolhido para fazer o Curso de Topografia de terrenos, e como não tinham tempo para formar outros técnicos para repassar os conhecimentos aos jovens que chegavam a cada dia no quartel, fiquei encarregado da função. Lembro-me que eu estava em forma, pronto para o embarque. Eu, e mais de 1200 homens. Foi quando um comandante da 5ª Região Militar de Curitiba disse assim: "Todos os soldados que fizeram curso,

qualquer que seja, vão ficar. Não vão à guerra porque tem de ficar para ensinar os que estão sendo convocados". Aí, eu escapei.

Circulando: Foi alguém de Cambará para o combate?

Álvaro: *Foi sim. O Chiquinho Frâncica e o Paulo Rossito.*

Circulando: Eles voltaram?

Álvaro: *Sim, voltaram. O Chiquinho voltou doente do campo de batalha. Como ficou nas trincheiras, pegou uma doença que incha as pernas, chamada elefantite.*

Circulando: E o que eles falavam desta viagem?

Álvaro: *Eles falaram que era muito difícil lutar contra os alemães e falavam também do frio rigoroso nos campos de batalha.*

Circulando: O senhor ficou por dois anos no quartel em Ponta Grossa e durante esse tempo havia a incerteza se ia ou não para a guerra. Como o senhor recebeu a notícia de que estava liberado para voltar para casa?

Álvaro: *Sim, fiquei de 1942 a 1944. Nesta época, a guerra caminhava para o seu fim. A cada dia surgia uma lista dando baixa para determinada turma. Era uma expectativa muito grande. Quando vi meu nome na lista e senti que tinha chegado a minha vez, nem acreditei e chorei de emoção. Minha alegria era tamanha, que nem esperei para pegar o meu certificado. Peguei o trem e vim direto para Cambará. Depois eles me enviaram o certificado. Foi um alívio! Eu estava lá, pronto para guerrear por uma causa que não era nossa. Essa briga era com norte-americanos, não com os brasileiros. Se tivesse sido convocado para defender o Brasil, até fazia sentido.*

Circulando: Conte-nos como foi sua chegada na Estação Ferroviária em Cambará. Tinha alguém esperando pelo senhor?

Álvaro: *Não tinha ninguém, pois não avisei. Assim que soube da baixa, parti direto para Cambará. Chegando à estação, desci do trem e fui correndo para minha casa. Ao ver minha mãe e meu pai foi uma festa, uma emoção enorme. Logo minha mãe apressou meu casamento. Ela tinha receio que o conflito recomeçasse, e eu fosse convocado novamente. Lembro-me dela ter dito: "filho vou conversar com tua sogra, você vai se casar logo" (risos). E assim foi feito, graças a Deus.*

Circulando: Quando o senhor casou? Como foi a cerimônia?

Álvaro: *Eu me casei em 15 de junho de 1944. Foi perfeito, embora tivesse que recomeçar minha vida e meus negócios. A paixão que unia Helena a mim, era muito forte. Um amor que nem o tempo conseguiu apagar. Vivemos quase 60 anos juntos felizes. Ela me ajudou em tudo. Deu-me quatro filhos – Osmar, Álvaro Roberto, Moacir e João Alfredo – e me deu a plena felicidade. Quando fiquei viúvo, vi que metade de mim foi com ela. Não procurei outra companheira porque ninguém seria como Helena. Foi a minha gratidão por ela nunca ter desistido de mim.*

Circulando: *Ela chegou a revelar porque não desistiu do senhor?*

Álvaro: *Disse que tinha certeza que eu iria voltar que eu era a pessoa que ela realmente amava, e que era comigo que ela queria passar o resto da vida.*

Circulando: *Uma grande demonstração de amor, não?*

Álvaro: *Ah sim! Só eu sei o que isso significa.*

Circulando: *Existe algo de ruim em viver 90 anos?*

Álvaro: *Não tem lado ruim. Eu diria que o lado ruim seria ver as pessoas que mais amamos morrer, mas isso faz parte da vida. A vida é sempre boa quando sabemos vivê-la. Sou muito religioso, creio muito em Deus e procuro ser sempre correto com os outros. Procurei fazer tudo o que quis, joguei basquete, futebol, fui centroavante do Operário.*

Uma dica que posso dar é que em tudo que acontece na sua vida, agradeça a Deus. E o fato de estar vivo é um grande presente Dele. Têm dias que você está bem e têm outros que você não está, mas a vida é isso mesmo. Antes de tudo, temos que acreditar que dias melhores sempre virão. É só ter fé em Deus, que eles virão.

Circulando: *O senhor realizou todos seus sonhos?*

Álvaro: *Ser feliz, eu acredito, é o maior sonho de todos os humanos. Com tudo que aconteceu na minha vida, dos momentos de incertezas da guerra, a doença de meu querido filho e a morte de minha querida Helena, posso dizer que sou feliz. Mas, a felicidade está ligada também na felicidade dos outros. Portanto, eu ainda tenho um sonho.*

Circulando: *Qual?*

Álvaro: *Viver o suficiente para ver minha neta Roberta e meu neto João Augusto formados. Com exceção de nosso filho João Alfredo que pegou meningite na infância e, portanto, não teve condições de estudar, os outros filhos e netos estão todos formados, faltando apenas esses dois. Esse era o sonho de minha Helena, o de dar condições para que nossos filhos tivessem estudos, e esse sempre foi o meu sonho também. Faltam dois anos. Só peço a Deus que me deixe mais um pouco mais aqui, para que consiga ver a felicidade da família.*